

O corpo na contemporaneidade

Juliana Scarazzatto^{*1}

¹Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Laborarte.

ORCID: 0000-0002-6232-6060

* e-mail para correspondência: jscarazzatto@hotmail.com

RESUMO

O objetivo deste texto é promover uma reflexão sobre como o corpo na contemporaneidade vêm se constituindo como uma forma de organização social e como isso afeta na constituição do psiquismo. Para isso recorreremos aos estudos de Birman (2014), Foucault (1998, 2005, 2010) e Costa (2004). A busca por um ideal de corpo tem afetado os modos pelos quais os sujeitos se relacionam e se colocam no mundo a partir de expectativas sobre o corpo perfeito. A mídia televisiva e, mais recentemente, as redes sociais estão construindo uma espécie de “autoridade”, que se baseia na exposição excessiva e coloca em evidência a busca pelo corpo ideal, baseada em padrões estéticos muitas vezes inatingíveis.

Palavras-chaves: Corpo; Contemporaneidade; Identidade

The body in the contemporary times

ABSTRACT

The objective of this text is to promote a reflection on how the body in contemporary times has been constituted as a form of social organization and how this affects the constitution of the psyche. To do this, we resort to studies by Birman (2014) and Foucault (1998, 2005, 2010). The search for an ideal body has affected the ways in which individuals relate and place themselves in the world based on expectations about the perfect body. Television media and, more recently, social networks are building a type of “authority”, which is based on excessive exposure and highlights the search for the ideal body, based on aesthetic standards that are often unattainable.

Keywords: Body; Contemporary times; Identity

INTRODUÇÃO

O “mal-estar” do/no corpo

Este texto pretende colocar em evidência como as formas de constituição do corpo se articulam com as formas de organização social típicas da contemporaneidade e como isso afeta a constituição do psiquismo. Na atualidade o corpo tornou-se o “depósito” de todos os males. Muitos se queixam que algo não vai bem com seu corpo, que estão gordos demais, ou magros demais, ou cansados demais. Nessa suposta falta, lança-se mão de recursos médicos, de dietas milagrosas, sempre em busca de algo que nunca se consegue atingir, de uma meta inalcançável. Há na contemporaneidade um “mal-estar” que se manifesta no corpo, somaticamente. Birman (2014), afirma que o “mal-estar na contemporaneidade” ganha novas formas que se deslocam de processos simbólicos associados ao campo do pensamento para as manifestações na ação, relacionados, sobretudo, ao corpo. Para o autor, “o mal-estar é o signo privilegiado e a caixa de ressonância daquilo que se configura nas relações do sujeito consigo mesmo e com o outro...” (Birman, 2014, p. 55).

O sentir e o agir do corpo: reflexões sobre o tempo

Na tentativa de compreender como esse “mal-estar” se manifesta na atualidade e quais os efeitos de sentidos produzidos¹ por ele, trago como forma de ilustração um recorte de uma propaganda televisiva² em que suas personagens principais são uma apresentadora de televisão, Sabrina Sato, reconhecida e valorizada por suas “formas” corporais, e pelo garoto propaganda de uma empresa de telefonia, conhecido pelo grande público como Ruivo. Na propaganda a apresentadora, em interlocução com o garoto propaganda, demonstra claramente sua preocupação em manter-se em forma e questiona se vale a pena tanto sacrifício para isso. Abaixo segue a transcrição da propaganda:

Sabrina (com um cardápio em mãos): - Olha aí na internet se pudim de leite engorda muito?

Ruivo: - Olho! Ih... Engorda!

¹ A ideia de efeitos de sentido remete à significação como um processo (e não apenas um produto) que não depende apenas da língua, mas também dos interlocutores e das condições sociais extra-verbais em que se realiza a relação de interlocução. (POSSENTI, 1988)

² Esta propaganda foi produzida pela O2 filmes no ano de 2015. Embora ela esteja um pouco deslocada no tempo, acredito que atenda ao propósito deste texto no sentido de discutir como a sociedade contemporânea tem tratado os padrões estéticos estabelecidos para o “padrão” corporal.

Sabrina: - Arroz doce não engorda não, né?

Ruivo: - Arroz do... (enquanto digita no celular) Engorda! Engorda!

Sabrina: - Ai, você pode olhar mais uma?

Ruivo: - Posso! Com Vivo tudo agora tenho o dobro de internet, posso usar muito.

Sabrina: - Goiabada? É fruta, né?

Ruivo: - É fruta mas, olha aqui, ó, engorda!

Sabrina: - Ai, será que vale a pena tanto sacrifício?

Olhando para o corpo de Sabrina de cima a baixo

Ruivo: - Vale!!!!.

Cabe aqui algumas considerações tanto quanto à forma como a propaganda foi estruturada quanto às concepções sobre corpo e vida saudável enunciadas pelas personagens em questão. A primeira questão está diretamente relacionada com a escolha das personagens. De acordo com o trabalho desenvolvido por Jurandir Freire Costa (2004), o corpo passou a ocupar um espaço na grande mídia que modificou a formação das identidades subjetivas. Antigamente, nada ou pouco do que o sujeito fosse em termos físicos importava na constituição da personalidade. Hoje, o corpo saudável, musculoso, representa sucesso social. Podemos afirmar com isso que a escolha de Sabrina Sato como estrela do referido comercial deve-se às suas “curvas”. Os ideais de consumo e felicidade estão diretamente relacionados à forma física. Perdeu-se de vista os ideais, os valores coletivos, a busca por uma causa comum ou aquilo que Costa (2004, p. 160) chamou de “moral dos sentimentos”. Passou-se a valorizar a “moral do espetáculo”, em que a relação do sujeito com o mundo é exposta, é colocada em exibição. Nesse caso o corpo tornou-se o principal “produto da vitrine”, está exposto em primeiro plano, é o principal alvo do consumo. O que vale não é o sentir-se bem, o estar bem, mas sim, o parecer bem. O importante na contemporaneidade é o que parecemos e não o que somos.

O cuidar de si deixou de ser a preocupação com os sentimentos e passou a ser o cuidado somático, do corpo, do físico. O sentido desse cuidado é assim expresso por Michel Foucault: “é preciso que te ocupes contigo mesmo, que não te esqueças de ti mesmo, que tenhas cuidado contigo mesmo” (Foucault, 2010, p. 6). Cuidar de si mesmo aqui representa cuidar especialmente da forma física. Sabrina Sato ocupa-se consigo mesma, sua preocupação passa apenas por sua forma física, com a maneira como seu corpo é visto, mais do que por ela, mas pelo outro. Novamente o parecer se sobrepõe ao ser. O outro, no caso da propaganda o Ruivo, legitima a validade do sacrifício

da apresentadora para manter-se em forma. Nas palavras de Costa (2004, p. 198), o corpo de Sabrina foi “devassado pelo olhar do outro anônimo”. As campanhas publicitárias tornaram públicas emoções, sentimentos, desejos que antes eram restritos ao campo privado.

É interessante também observar no discurso da campanha publicitária aqui discutida quem dá o aval sobre comer ou não, engordar ou não, se vale a pena o sacrifício ou não, é um rapaz. Será que se o discurso partisse de outra mulher, o veredicto seria o mesmo? Não é intenção desse trabalho levantar questões sobre gênero, porém é interessante notar como a mídia constrói e manipula os discursos que chegam a um consumidor presumido. A forma como o estereótipo da mulher é construído é veiculado pela grande mídia como forma de manter as características que colocam a mulher, ou o corpo da mulher, em evidência. De acordo com Maria Rita Kehl (1998, p. 15-16),

O que é específico da mulher, em sua posição tanto subjetiva quanto social, é a dificuldade que enfrenta em deixar de ser objeto de uma produção discursiva muito consistente, a partir da qual foi sendo estabelecida a verdade sobre sua “natureza”, sem que tivesse consciência de que aquela era a verdade do desejo de alguns homens – sujeitos dos discursos médico e filosófico que constituem a subjetividade moderna – e não a verdade “da mulher”. Por fim, a esta produção simbólica vai-se contrapondo uma produção literária voltada ao público feminino que tenta dar uma resposta imaginária aos anseios reprimidos de grande parte das mulheres das classes médias: anseios de viver a grande “aventura burguesa”, para além do papel honroso que lhes era concedido, de mãe virtuosa e Rainha do Lar.

No caso da propaganda, o que é representado, não é apenas o desejo sexual masculino, mas também o ideal a ser atingido pelas mulheres. Alcançar aquele “modelo corporal” torna-se meio de vida para uma parte das mulheres. Ao reforçar a manutenção de um determinado padrão corporal, a mídia reforça o ideal de qualidade de vida que circula nos discursos do sujeito contemporâneo.

Joel Birman (2014, p. 70) questiona: “qual a razão desse prestígio conferido ao corpo?”. O autor aponta que a qualidade de vida, bem como o corpo saudável, passaram a ser os valores maiores na contemporaneidade. A busca incessante pela saúde, pela manutenção da juventude, pela beleza, tornou-se o “ideal supremo” da contemporaneidade. Dessa forma, a mídia vem corroborando para que esses sejam valores a serem atingidos e imitados por grande parte da população, especialmente quando se refere ao corpo feminino.

Com base nos estudos de Foucault, Rosa Maria Bueno Fischer (2002, p. 155) trata a mídia como uma espécie de “dispositivo pedagógico”. A autora sustenta que a mídia constitui-se ao mesmo tempo como um aparato discursivo, porque carrega e produz saberes, e também um aparato não discursivo, formados por uma complexa trama de práticas, consumo dos meios de

comunicação, tais como rádio, televisão, revistas (eu acrescentaria a internet e as redes sociais), que corroboram para a formação dos saberes sobre o próprio sujeito, formas de ser e estar na cultura em que este sujeito vive.

Fischer (2002) afirma que a mídia é um lugar de excelência na produção de sentidos que são construídos socialmente. Portanto, “estar em forma” passa a ser um valor circulado e valorizado nos meios de comunicação. Sabrina Sato torna-se “autoridade” no assunto, afinal é aquele corpo que todos desejam ter, é esse o bem de consumo maior, é com ela que todos desejam parecer. O corpo físico torna-se fonte de gozo, de prazer. Na propaganda televisiva transcrita acima, Sabrina Sato age de acordo com seu desejo de continuar magra e manter sua forma corporal, sugerindo uma “receita” para todos se manterem “em forma”.

De acordo com Costa (2004), a noção de autoridade transformou-se na contemporaneidade. Para ele, autoridade está intimamente ligada à tradição. Aquilo que acreditávamos e valorizávamos foi transmitido por quem tinha algum tipo de autoridade sobre nós (pais, padres, pastores, políticos, professores, artistas, cientistas, etc.), figuras que tinham ligação com os valores familiares, do trabalho. As figuras de autoridade tiveram suas vozes “apagadas” pela moda e pelos mitos científicos. Para o autor, tanto a ciência quanto a moda “projetam no futuro o envelhecimento do presente” (Costa, 2004, p. 169), ambas apostam que aquilo que se vive hoje, amanhã já estará velho. Para o autor, “a autoridade é sabedoria fundada na história” (Costa, 2004, p. 169). Aquilo que resistiu ao tempo é fundado na história, torna-se tradição. Nesse sentido é possível pensar que aquilo que demanda tempo não cabe mais na sociedade contemporânea. As formas de simbolização que tradicionalmente constituíram a função psíquica caíram em desuso. Aquilo que requer tempo perdeu espaço. A atitude reflexiva do pensamento, que exigia dos sujeitos uma “forma pausada” de existir, passa agora a se inscrever no campo da ação, do imediatismo. Para Birman (2014, p. 82), “o agir é imperativo categórico na contemporaneidade”. A existência humana na atualidade está intimamente relacionada com a ação. Aquilo que se constituía como tradição, porque fundado no processo histórico, que levava tempo para se consolidar, passa agora por um processo de aceleração, que se torna um traço típico da nossa sociedade.

Na chamada cultura somática (Costa, 2004), o que vale são as sensações e não a sensibilidade, aquilo que está relacionado à carne, que está no corpo ou (in)corporado. É o corpo e não mais o pensamento que nos dá a dimensão de nossa existência. O cogito cartesiano “penso, logo existo” transforma-se na atualidade em “ajo, logo existo” (Birman, 2014). Também caberia nesse exemplo uma passagem da música “Bom Conselho”, de Chico Buarque de Holanda. Nessa música o

compositor “aconselha” seu interlocutor: “aja duas vezes antes de pensar”. O conselho vem exatamente na direção oposta à sugerida pelo ditado popular, “pense duas vezes antes de agir”. Não há tempo para pensar, para enriquecer a experiência, o necessário se dá no campo da ação. “O ser interiorizado no registro do pensamento se transforma no ser exteriorizado e performático, que quer agir, antes de mais nada” (Birman, 2014, p. 82).

Diante do acima exposto, tendo como base a obra de Birman (2014), podemos afirmar que a forma pausada e reflexiva que caracterizava a existência humana, na contemporaneidade se “inverte”, a marca do nosso tempo é a aceleração, a intempestividade, o agir. Nesse sentido, ocorre uma transformação na construção da subjetividade entre a modernidade e a contemporaneidade. O autor afirma que os registros do mal-estar na contemporaneidade se manifestam em três instâncias: no corpo, na ação e na intensidade. Diante disso é compreensível que o imediatismo do corpo, da carne, ganhe poder em detrimento às emoções.

Não se pode creditar autoridade às coisas passageiras, fugazes, efêmeras. Para Costa (2004), o lugar da autoridade foi ocupado pela celebridade. De certa forma, quem determina o que se deve comer (pudim de leite, arroz doce, goiabada) é a informação fugaz da internet, fundada, muitas vezes, no mito da cientificidade. A verdade é determinada não por aquilo em que se acredita mas por aquilo que a mídia estabelece como verdade. A televisão e mais recentemente as redes sociais, como meios de comunicação de massa, criam a “autoridade-celebridade”, que aparece e desaparece com a mesma velocidade. “A celebridade é a autoridade do provisório”, afirma Costa (2004, p. 169). A autoridade fundada na história perde espaço para a autoridade formada na fugacidade.

A subjetividade constitui-se também corporalmente. O corpo carrega símbolos identitários. As formas com as quais os indivíduos se identificam e são identificados estão carregadas no sujeito, no seu existir corporal, que precisa ser sempre jovem, saudável, belo. Vivemos, como afirma Costa (2004), numa “cultura somática”, que forma “personalidades somáticas”, ou seja, o corpo ganha lugar central na constituição da personalidade.

Foucault (1998) nos ajuda a pensar como o controle sobre os corpos vai compondo e construindo as personalidades a partir de formas mais ou menos sutis. O autor afirma que o corpo disciplinado pode ser moldado, transformado, aperfeiçoado. Olhar para o corpo como lócus de construção identitária nos permite refletir sobre um corpo que não está apenas submetido ao controle, no sentido de reprimi-lo, mas também está submetido a um controle que passa pelo estímulo à ação.

Anúncios midiáticos tais como “perca 3 quilos em uma semana”, “só é gordo quem quer”, colocam os sujeitos e seus corpos em transformação. Sem perceber, buscam atingir um modelo estético-corporal proferido pelos meios de comunicação: “seja magro!”. Dessa forma Foucault afirma que:

(...) através de uma exploração econômica (e talvez ideológica) da erotização, desde os produtos de bronzear, até os filmes pornográficos... Como resposta à revolta do corpo, encontramos um novo investimento que não tem mais a forma de controle-repressão, mas de controle estimulação: Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado! (FOUCAULT, 1998, p. 147).

Um determinado padrão corporal tornou-se o principal veículo para vender qualquer produto, desde um plano de telefonia (caso mencionado como exemplo) até carros, bebidas alcoólicas, relógios, viagens, etc. Como afirma Jocimar Daolio (2006), pessoas jovens, bonitas e saudáveis vendem um tipo de felicidade relacionada com o sucesso social. Os modelos vendidos pela grande mídia, mesmo sendo impessoais e não se dirigindo a ninguém especificamente, sobrepõem-se aos ideais de pessoas que realmente se importam conosco (pais, professores, amigos, parentes, etc.). O modelo a ser perseguido é do corpo, da moda, ou seja, magro, com músculos definidos e jovem.

Birman (2014), ao se referir aos excessos típicos da contemporaneidade, afirma que, assim como o uso excessivo de drogas, a comida também se caracteriza como uma forma de excesso. Ela é ao mesmo tempo fonte de prazer e de sofrimento. Come-se demais e, posteriormente, o indivíduo se culpa demais pelo excesso cometido. A comida ocupa um papel ambivalente na vida dos sujeitos, já que ela é ao mesmo tempo fonte de prazer e de sofrimento. Isso aparece na campanha televisiva estrelada por Sabrina quando a mesma pergunta ao Ruivo: “*Será que vale a pena tanto sacrifício?*”. É necessário muito sacrifício e disciplina para manter o corpo forte, magro e saudável. Pouco importa se o indivíduo se sente bem ou não, a “moral do corpo e das sensações” prevalece sobre a “moral dos sentimentos” (Costa, 2004, p. 198). O sacrifício não é em torno de uma causa política ou em busca de um bem coletivo, o que caracterizaria a “moral dos sentimentos”, ele está pautado nas escolhas individuais, no cuidado de si pensando exclusivamente na aparência física, privilegiada na “moral do corpo”.

Cuidar do corpo na contemporaneidade constitui-se como forma de diálogo com o mundo, o corpo é o principal agente de relação de si mesmo com os outros. É pelo olhar do outro que o corpo é regulado. De acordo com Costa (2004, p. 231), “ou se é um corpo espetacular ou se é um João ou Maria Ninguém”. A moral do espetáculo coloca a constituição corporal como forma de reconhecimento social, de obtenção de sucesso e felicidade. O corpo é a principal vitrine de

exposição de virtudes, medos e fragilidades. Foucault (2005, p. 62) afirma que o corpo com o qual temos que lidar “é um corpo frágil, ameaçado, minado de pequenas misérias”.

A preocupação de Sabrina Sato em relação aos alimentos que engordam ou não demonstram preocupações que não são apenas dela. Na contemporaneidade há uma preocupação exacerbada com os hábitos alimentares, com a perda de peso, com a prática de atividade física. É evidente que preocupar-se com hábitos saudáveis de vida pode ser um ganho para as pessoas. Porém, o que se vê hoje são os excessos, tanto na ingestão exagerada de alimentos quanto na privação exagerada dos mesmos. Isso também acontece com a prática exagerada de exercícios físicos. Nesse contexto, “as academias de ginástica transformaram-se num dos templos seculares da atualidade” (Birman, 2014, p. 77). Também se configuram como espaços que permitem alcançar o aclamado “corpo ideal” os *spas*, as clínicas de massagem, as clínicas de estética, que fazem tratamentos corporais, as clínicas de cirurgia plástica.

Assim como a celebridade se torna a “autoridade do provisório” (Costa, 2004), o corpo também se torna um “bem provisório”. Provisório não no sentido de sua finitude, mas nas suas formas, na sua constituição orgânica. Ao recorrer aos diversos tratamentos disponíveis no mercado da beleza atualmente pode-se modificar qualquer aspecto corporal e nada é definitivo. E qualquer aspecto corporal se torna transitório na busca angustiante e nunca atingida do corpo ideal.

O corpo relacionado ao belo está impedido de envelhecer. As rugas são tratadas como se fossem enfermidades graves. O corpo envelhecido perde poder e lugar na sociedade contemporânea. Estar velho significa estar perto do fim, coloca o indivíduo de frente com sua finitude. Com procedimentos mais ou menos invasivos, de cirurgias a massagens, pode-se transformar qualquer aspecto corporal. Diante disso, torna-se mais atual do que nunca a afirmação feita por Foucault (1998, p. 148) sobre qual corpo necessita a sociedade atual.

Vale destacar que essa busca pelo corpo perfeito não acontece de maneira simples. Há que se ter uma disciplina extremamente rigorosa. A possibilidade de transformar o corpo que se tem no corpo que se quer ter precisa passar por mudanças de hábitos. Geralmente os profissionais da saúde (médicos, nutricionistas, esteticistas, educadores físicos), juntamente com a mídia, determinam o quê, quando e quanto se pode comer.

O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa pelo corpo, com o corpo. Foi no corpo biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O corpo é uma realidade biopolítica. (Foucault, 1998, p. 80).

É necessário, muitas vezes, abrir mão do prazer que a ingestão de alguns alimentos pode proporcionar e fazer exercícios físicos de maneira intensa. Essas são apenas algumas das exigências para conquistar a forma física desejada. O esforço intenso, feito nas academias de ginástica para atingir a boa forma física, ganha na atualidade, o nome de malhação. Não deixa de ser interessante o uso de uma palavra que tem por significados bater, espancar, contundir, para se referir ao treino do corpo em academias de ginástica, indicando o caráter de sacrifício necessário ao corpo para este adquirir as características e formas desejadas na contemporaneidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou evidenciar como o corpo se torna, na contemporaneidade, o principal lócus de todos os males. Em busca de extravasar os excessos, os sujeitos deixam de temporalizar as experiências e extravasam seus desejos e angústias por meio do corpo.

Poderíamos, ainda, recorrer a outros exemplos de exposição e transformação do corpo e dos sentidos que os sujeitos elaboram sobre ele. O fato é que precisamos buscar pontos de interlocução entre o que se pensa e o que se quer para/com o corpo. O mal-estar colocado principalmente por Birman indicia um caminho para algumas ações que possam re(verter) e re(ver) a construção da subjetividade de si com o outro. As academias de ginástica poderiam se constituir como um terreno fértil para (des)construção ou (re)construção de outro ideal/real de corpo e sujeito. Ao invés disso, elas têm colaborado na manutenção de um imaginário sobre o corpo que depende do uso de suplementos para a melhoria da performance e do ganho de massa muscular, promovendo o consumo alienado de substâncias que prometem o corpo ideal e tendem a desconsiderar o corpo real.

É importante ainda ressaltar que embora o corpo não esteja dissociado das formas de representação simbólica da subjetividade, a aceleração causada na atualidade faz com que os sujeitos ajam de forma intempestiva. O sujeito que lidava com suas questões particulares de forma íntima, agora, na “moral do espetáculo”, expõe-se, explode, age.

REFERÊNCIAS

- BIRMAN, J. **O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- COSTA, J. F. **O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- DAOLIO, J. Corpo e identidade. In: MOREIRA, W. W. (Org.) **Século XXI: a era do corpo ativo**. Campinas: Papirus, 2006, p4. 9-62.
- FISCHER, R. M. B. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e Pesquisa**, v. 28, n. 1, p. 151–162, 2002. DOI: 10.1590/S1517-97022002000100011.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 13 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade 3: cuidado de si**. 8 ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.
- FOUCAULT, M. **Hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- KEHL, M. R. **Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- POSSENTI, S. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

Recebido em: 18/07/2024

Aprovado em: 19/09/2024



Os direitos de licenciamento utilizados pela revista Saúde, Corpo e Movimento é a licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International* (CC BY-NC-SA 4.0)